

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

SEMANA INDÍGENA INTERCULTURAL TERENA DE MATO GROSSO: PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO MASCULINO PARA FESTA ANUAL

Terena intercultural indigenous week in Mato Grosso: production of men's clothing for the annual festival

Semana indígena intercultural Terena en Mato Grosso: producción de ropa masculina para la fiesta anual

Eliwelton Ikodioka dos Santos Rondon

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-7991-9651> E-mail: rondon.eliwelton@unemat.br

Maria Helena Rodrigues Paes

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1470-9366> E-mail: ninhapaes@unemat.br

Neodir Paulo Travessini

Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-7227-7205> Email: neodir@unemat.br

Como citar este artigo:

RONDON, Eliwelton Ikodioka dos Santos; PAES, Maria Helena Rodrigues; TRAVESSINI, Neodir Paulo. Semana indígena intercultural terena de Mato Grosso: produção de vestuário masculino para festa anual. **Revista de Comunicação Científica – RCC**, Edição especial, Vol. 4, n. 17, p. 55-72, 2024.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Edição especial, Vol. 4, n. 17
(2024)

ISSN 2525-670X

55

SEMANA INDÍGENA INTERCULTURAL TERENA DE MATO GROSSO: PRODUÇÃO DE VESTUÁRIO MASCULINO PARA FESTA ANUAL

Terena intercultural indigenous week in Mato Grosso: production of men's clothing for the annual festival

Semana indígena intercultural Terena en Mato Grosso: producción de ropa masculina para la fiesta anual

Resumo

A Semana Indígena Intercultural Terena de Mato Grosso é um evento anual, essencial para revitalização cultural do povo Terena da aldeia Kopenoty, situada no município de Peixoto de Azevedo-MT. Este artigo descreve a organização da produção de vestuário masculino, usado na citada festa anual, destacando o papel dos professores e líderes comunitários. As ações incluem o planejamento das atividades, escolhendo materiais para confecção das vestimentas, coleta de materiais na mata, feita por alunos da escola da aldeia e guerreiros da comunidade, tendo a confecção supervisionada dos referidos trajes. Esses esforços promovem a união comunitária e a participação dos jovens, garantindo a transmissão dos conhecimentos tradicionais, culminando na celebração cultural que fortalece os Terena de Mato Grosso.

Palavras-chave: Terena-MT; Vestimenta Terena; Aldeia Kopenoty.

Abstract

The Terena Intercultural Indigenous Week of Mato Grosso is an essential event for the cultural revitalization of the Terena people, from the Kopenoty village, located in the municipality of Peixoto de Azevedo. This article describes the organization of the production of men's clothing, used in the aforementioned annual festival, highlighting the role of teachers and community leaders. The actions include planning the activities, choosing materials to make the clothes, collecting materials in the forest, carried out by students and warriors from the village, and the supervised making of the costumes. These efforts promote community unity and youth participation, ensuring the transmission of traditional knowledge, culminating in the cultural celebration that strengthens the Terena of Mato Grosso.

Keywords: Terena-MT; Terena Clothing; Kopenoty Village.

Resumen

La Semana Indígena Intercultural Terena de Mato Grosso es un evento esencial para la revitalización cultural del pueblo Terena, de la aldea Kopenoty, ubicada en el municipio de Peixoto de Azevedo. Este artículo describe la organización de la producción de vestimenta masculina, utilizada en la citada fiesta anual, destacando el papel de maestros y líderes comunitarios. Las acciones incluyen la planificación de las actividades, la elección de materiales para la confección de las prendas, la recolección de materiales en el bosque, realizada por estudiantes y guerreros del pueblo, y la confección supervisada de los disfraces. Estos esfuerzos promueven la unidad comunitaria y la participación de los jóvenes, asegurando la transmisión de conocimientos tradicionales, culminando en la celebración cultural que fortalece la Terena de Mato Grosso.

Palabras clave: Terena-MT; Ropa Terena; Pueblo de Kopenoty.



Introdução

Nascido no dia oito (08) de julho de 1994 no Município de Rondonópolis, na aldeia indígena Tadarimana do povo Boe Bororo, no Estado de Mato Grosso, sou fruto de casamento interétnico entre Eliel Jorge Rondon, das etnias Tapirapé e Terena, e de minha mãe, Maria Ilma Omakudago, da etnia Boe Bororo. Atualmente casado com a indígena terena Jussara Roberto Firmo e somos pais de Natan Roberto Firmo, Eloah Ayunné Firmo Rondon e, também sou pai de Eliezer Rondon Tapirapé, este fruto de relação com outra mulher que não a esposa atual.

Atualmente resido na aldeia Kopenoty, localizada próxima ao Distrito União do Norte, no Município de Peixoto de Azevedo–MT, exercendo alguns papéis fundamentais como liderança na minha comunidade: professor indígena; membro do Conselho de Educação Escolar Indígena (CEEI); membro e tesoureiro do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) e ainda presidente da Associação Indígena da Cultura e Desporto Kopenoty Terena.

Desde o ano de 2013 tenho me dedicado à educação escolar, quando iniciei minha prática docente em sala de aula, na época, numa sala anexa da Escola Estadual Indígena Komomoya Kovo'ero na aldeia Inamaty Poke'e. Já no ano de 2015, quando mudei para aldeia Kopenoty, comecei a trabalhar na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon "Terena" na função de bibliotecário. No ano seguinte duas coisas importantes aconteceram, sendo a primeira que foi o fato do início do meu trabalho como professor em sala de aula e, concomitante, fui aprovado no vestibular da UNEMAT-Universidade do Estado de Mato Grosso, para o curso de Licenciatura em Ciências Sociais, o qual conclui no ano de 2022. Penso que tenho contribuído bastante na promoção, valorização da educação e fortalecimento da cultura terena em minha comunidade.

O povo indígena Terena de Mato Grosso, ou "Tereno" como nos autodenominamos, pertence à família linguística Aruak e habita o norte do Estado de Mato Grosso. Foram anos de luta e reivindicações após um grupo de Terena sair de Mato Grosso do Sul, e vir buscar novas oportunidades e condições melhores de sobrevivência no Estado de Mato Grosso.



No ano de 1973 houve o primeiro deslocamento de famílias, as quais chegaram até a região de Rondonópolis-MT, onde permaneceram, por algum tempo, junto aos Boe Bororo enquanto aguardavam sinalização do Governo Federal para liberação de área no Estado de Mato Grosso. Foram anos de sofrimento, exclusão, discriminação e tantos preconceitos, mas, a recompensa estava por vir. A área foi finalmente liberada para ser ocupada legalmente pelos Terena no norte do Estado de Mato Grosso. Quero destacar os nomes de algumas importantes lideranças nesta luta, como o senhor Milton Rondon e Cirênio Reginaldo, que com competência e diálogos políticos souberam ter a paciência e a bravura necessária para alcançar o objetivo de ter uma terra legalizada para os Terena em Mato Grosso.

À época que o grupo de Terena se deslocou para seu lugar no norte do Estado, não conseguiram chegar até a sua área, a Terra Indígena (T.I.) Terena Iriri Novo, pois era tempo das águas e ficou impossível o deslocamento até lá. Então, com anuência do prefeito de Peixoto de Azevedo, permaneceram em uma pequena área próxima ao Distrito de União do Norte. Por uma série de razões, após cessar a temporada de chuvas, algumas famílias decidiram ali permanecer e outras acabaram por chegar e abrir a nova área legalizada, a do Irirri Novo. As famílias que permaneceram fundaram a Aldeia Kopenoty, que acabou sendo a primeira aldeia Terena no Norte do Estado de Mato Grosso, embora tenha sido a última a ser legalizada como território indígena. Trago neste trabalho a pesquisa da professora Sara Reginaldo (2016, p.12) da aldeia Kopenoty que nos esclarece as seguintes informações.

Nós, Terena, moramos nesta região depois que saímos de Mato Grosso do Sul, onde tem nosso território originário. Resolvemos sair de Mato Grosso do Sul porque aumentava tanto a população de Terena que já estava ficando difícil viver lá.

Os "Tereno" têm origem ancestral no "Êxiva", local conhecido como região do Chaco Paraguaio, lugar alagado ou conhecido como região de pântano. No contexto migratório para o Estado de Mato Grosso, meus avós e familiares foram os primeiros guerreiros que saíram da Terra Indígena (T.I.) Buriti, no município de Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul, junto com outras famílias de outras regiões, da aldeia



Limão Verde. Ou seja, sou pertencente a uma família guerreira, pioneira e tradicional da área Terena de Mato Grosso do Sul.

Atualmente são cerca de 272 pessoas Terena que habitam a região norte de Mato Grosso, de acordo com dados do relatório situacional do DSEI-Distrito Sanitário Especial de Saúde Indígena (2022). Tal órgão, denominado DSEI KAIAPO-MT afirma que na Aldeia Kopenoty habitam 113 pessoas, conforme tabela referenciada do citado órgão.

Tabela 1 – População Terena por Polo Base e aldeias atendidas pelo DSEI KAIAPÓ-MT, ano 2022

DSEI	POLO BASE	ALDEIA	POPULAÇÃO
KAIAPO-MT	Peixoto de Azevedo	Inamaty	26
KAIAPO-MT	Peixoto de Azevedo	Kopenoty	113
KAIAPO-MT	Peixoto de Azevedo	Kuxoneti Poke'e	98
KAIAPO-MT	Peixoto de Azevedo	Turipuku	35
TOTAL GERAL			272

Fonte: Siasi 4.40.27 – Versão do Banco 4.15

As aldeias terena de Mato Grosso se organizam de forma específica conforme cada comunidade compreende ser melhor, ou seja, cada comunidade com seu cacique tem autonomia de criar normas internas para o bem coletivo. Além do cacique em cada aldeia, há lideranças para diferentes áreas de interesse, como aquela liderança responsável por discutir e propor ações em relação à escola, a liderança responsável pela Associação, a liderança da saúde, liderança feminina, a liderança responsável pela organização do espaço da aldeia, etc.

No entanto, há atividades e ações que dependem também da participação de todas as comunidades, como é caso de sediar uma festividade em aldeia específica, por isso, a seguir trago um relato particular de um momento de organização do povo Terena-MT vivenciado recentemente, exemplificando a união do povo como um todo, mesmo que se tenha as organizações específicas em cada comunidade.

Aconteceu que todos os caciques das 4 comunidades terena, Kopenoty, Turipuku, Inamaty e Kuxonety, reuniram-se no início de junho, do ano de 2024, para discutir e eleger servidores para trabalhar na Coordenação Técnica Local (CTL) da FUNAI em Matupá. Tal coordenação pública com a função de potencializar o



planejamento e a execução das ações para nossas comunidades, estava desativada já havia alguns anos.

Assim, os caciques, em conjunto com as lideranças, discutiram meios de reativar o funcionamento da Coordenadoria; a alternativa pensada foi a de escolher primeiramente os servidores para ocupar as seguintes funções: chefe da coordenação, secretária e motorista. Entre os Terena de Mato Grosso, as escolhas se dão por eleição, sendo eleito o candidato com a maioria de votos. Vale registrar que em nossas comunidades a pessoa a partir de 12 anos já está apta a participar e trabalhar nas atividades coletivas da comunidade bem como apta a exercer seu direito de voto. No caso da Aldeia Kopenoty, a escolha dos candidatos aos cargos ocorreu em 18 de junho de 2024, com toda a comunidade participando com seu direito de voto.

O meu povo Terena de Mato Grosso é, tradicionalmente, falante da língua da família linguística Aruak, entretanto, pela história de relações com a sociedade ocidental e mesmo com outras etnias, muitas pessoas terena já não falam e não compreendem a língua materna. A colonização intensa e opressora deixou marcas profundas na cultura do meu povo, refletindo desafios em todos os segmentos sociais. A imposição de valores externos e a desvalorização da identidade pela cultura ocidental, após anos de resistência, trouxe consequências irreparáveis, como a quase perda do uso da língua tradicional bem como de muitas práticas culturais ancestrais.

Esta é a condição das comunidades do Norte de Mato Grosso, sendo de urgência a busca pela revitalização linguística, pois enfrentamos situação de fragilidade assombradora em relação à nossa língua materna.

Nos últimos 20 anos buscamos alternativas para proporcionar condições para que nosso povo, especialmente as crianças, volte a falar fluentemente nosso idioma ancestral. Vem à minha memória o tempo em que eu estudava no Ensino Fundamental, e meus professores e líderes planejavam e diziam para a comunidade que, se tomássemos algumas medidas, em período de 10 anos voltaríamos a falar novamente nossa língua materna. Naquela época estavam projetando um plano de fortalecimento e revitalização da língua ancestral, entretanto, passou-se o tempo e as ações não se efetivaram, assim, a comunidade continua com poucos falantes da língua materna. Hoje faço reflexões, repensando e analisando: vejo que devo



continuar com a ideia, porém iniciar a busca por outros caminhos (aprender com o que não deu certo na experiência passada), traçando novas rotas, me qualificando para elaborar uma proposta e envolver a comunidade nesta busca pela revitalização da língua materna.

A ideia, lá atrás, pensada por lideranças e professores, tem muita relevância para todos nós; acredito que são muitos os desafios, porém o caminho para potencializar a língua ancestral e fortalecer os conhecimentos está nos anciãos e nas anciãs, que guardam na memória os saberes tradicionais e o domínio da conversa na língua tradicional. Está na memória e na sabedoria dos anciãos e das anciãs as histórias sagradas e os mitos do nosso povo. É preciso ouvi-los e registrar o que sabem. A preservação das histórias e da visão de mundo únicas que definem meu povo Terena de Mato Grosso não são apenas uma questão cultural, mas também de identidade e resistência. Garantir que essa herança seja transmitida para as futuras gerações é essencial, então é preciso que unamos esforços, principalmente da minha parte como educador e demais professores, para que seja refletida em ações concretas e conquistar políticas públicas eficazes, projetos educacionais inclusivos e um movimento coletivo de revitalização e valorização da língua tradicional. É uma das alternativas que penso neste momento, então poderemos assegurar que a essência do nosso povo continue viva e forte, refletindo a riqueza e a sabedoria dos nossos antepassados.

Neste aspecto, é importante o papel da escola como instrumento de fortalecimento e proposituras para a valorização da cultura tradicional, sendo, no nosso caso, um importante instrumento de retomada das nossas práticas tradicionais culturais. Vale lembrar que a legislação nacional nos dá direitos para que possamos praticar uma educação escolar específica e diferenciada.

Legislação que dá direito ao específico e diferenciado no contexto escolar

Apresento aqui, neste trabalho, um breve apanhado e comentários acerca da legislação brasileira que trata da educação diferenciada. É natural que eu inicie citando a nossa Constituição Federal da República, promulgada em 1988, que ao longo de seu texto vai dando contornos de legalidade nacional aos direitos indígenas



nas mais diversas áreas da sua existência. Assim é também tratada a educação escolar, cuja legislação reconhece o direito aos processos próprios de ensino e aprendizagem bem como reconhece como lícito o uso da língua materna das comunidades espalhadas pelo território brasileiro no que concerne aos processos de escolarização formal.

O direito à educação escolar diferenciada, nas suas mais diferentes modalidades, está explícito e detalhado na Lei de Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena e o Parecer CNE/CEB N° 13/2012, aprovado em 10/05/2012, instituindo e dando legalidade a tal Legislação, ao tratar do direito à educação escolar diferenciada já sinalizava que,

Nas últimas décadas as comunidades indígenas têm buscado construir projetos de educação escolar diferenciada em contraposição a tradição assimilacionista e integracionista de experiências escolares vivenciadas do período colonial até recentemente. (CNE, 2012, p. 3)

Podemos compreender que o artigo legislativo citado ressalta que as comunidades indígenas assumem papel fundamental ao requisitarem educação escolar com significados que realmente fazem sentido para os povos originários. Após vivenciarem experiências de sofrimento causadas pela sociedade colonizadora, que tinha como objetivo o apagamento das diferentes culturas, hoje a escola indígena tem se transformado em um espaço de afirmação de identidades e pertencimento.

A minha voz neste trabalho é o grito de um guerreiro que assume o bastão deixado pelos mais velhos e por meus ancestrais. Digo neste momento: respeitem nossos direitos conquistados, ouçam nossas vozes, aprendam conosco, vejam como enxergamos o mundo, como consideramos nosso cosmos, as nossas relações éticas com os outros irmãos parentes.

A sociedade eurocêntrica, desde os primeiros contatos, sempre teve a ideia de nos colonizar. Mesmo após séculos de luta e a conquista de direitos com o sangue de nossos antepassados, chegamos ao presente e percebemos que pouco mudou. Ainda tentam nos impor modelos de escolas e materiais que estão distantes de nossas realidades, além de avaliações que não fortalecem nossas histórias, línguas e saberes.



A garantia do direito a educação específica e diferenciada para nossas comunidades indígenas, assumem conquistas advindas da própria estratégia de enfrentamentos e resistência nos mais de 500 anos de processo de opressão e assimilação da sociedade ocidental.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) garante diretrizes claras para educação escolar indígenas reafirmando o compromisso do Estado com a valorização e o respeito as especificidades culturais e linguísticas aos povos originários.

Na prática, isso significa desenvolvimento de um currículo que contemple os saberes tradicionais, a história, a língua e as práticas culturais da comunidade indígena. A formação de professores indígenas deve ser um investimento de forma que tais formações possam promover a atuação de professores indígenas como mediadores culturais, promovendo o ensino na língua materna e a transmissão dos conhecimentos tradicionais.

É preciso que as escolas indígenas produzam seus próprios materiais didáticos específicos, que reflitam a realidade cultural da comunidade, fortalecendo a identidade étnica dos estudantes.

A participação da comunidade indígena na elaboração e implementação das políticas educacionais é essencial, garantindo que nossas vozes sejam ouvidas e respeitadas, transformadas em ações diferenciadas na rotina escolar.

Postura colonial e decolonial

A minha concepção sobre uma escola influenciada pela postura colonizadora é aquela que só aceita as propostas vindas de fora e não se contrapõe à educação advinda do Estado. Um formato de ensinar baseado no etnocentrismo, na assimilação forçada, nos conceitos de expropriação de terras, exploração econômica, violência e genocídio, enfim, desumanização.

Encontramos em Colombo (2020) interessante discussão acerca do conceito de etnocentrismo, mais especificamente o etnocentrismo europeu em relação aos indígenas brasileiros à época da colonização do nosso país. Segundo a autora, etnocentrismo é uma postura e concepção que nasceu ainda na antiguidade que



(...) trata da crença na superioridade da origem e costumes dos europeus em relação às outras culturas. Assim, nessa concepção, os indígenas não só tinham a função subalternizada, mas também precisavam ser modificados para se tornarem civilizados. (Colombo, 2020, p. 23).

Podemos compreender, então, que etnocentrismo é olhar o “outro” diferente de nós e considerá-lo em menor grau de valorização como seres humanos, a ponto de tentar transformá-los em sujeitos “como nós mesmos”. É uma concepção de mundo e de pessoas que sustentou por séculos as ações de escravidão e colonização, tendo no processo de escolarização sua ferramenta mais eficaz. Mas, felizmente, os movimentos de resistência conseguiram suplantar tais posturas e se ergueram a favor de garantir direitos específicos conforme as culturas específicas. Podemos identificar e nomear estes movimentos como de posturas decoloniais, invertendo a lógica da colonização.

Decolonialidade pode ser entendida como a postura de identificar, refletir, compreender e tomar atitudes ante a situações de exclusão e invisibilidade a determinados grupos, considerados minoritários. Nesta perspectiva, a decolonialidade tem sentido de transgressão em face a posturas hegemônicas de saber. Para Abreu, Almeida e Pereira (2023), em se tratando da produção do saber se configuram em formas diferente de produzir pesquisa. Podemos dizer que a decolonialidade é uma postura que procura questionar o modelo colonial, rompendo com tal modelo e elevando a realidade de cada cultura a partir de si mesma.

Conforme as pesquisadoras citadas acima, podemos compreender que ações governamentais na educação escolar, feitas contra nós, povos indígenas, na prática em nossas aldeias, com notificações em função de cumprimento de exigências do sistema, com planos de implementação de registros biométricos, materiais estruturados fora da realidade, se encaixam no modelo colonial de escolarizar nosso povo.

Nosso dever como indígenas, professores e membros do Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar (CDCE) devemos questionar esses modelos impositivos. Devemos fazer da seguinte forma: conhecer os meios legais de defesa,



algumas já citadas acima, que asseguram uma educação específica e diferenciada. Nosso papel é deixar claro nos Projetos Políticos Pedagógicos as ações de escola que desejamos ter de fato, não dando brechas a lacunas para o ensinamento chamado de colonizador.

A padronização de valores da própria cultura, imposição de políticas de costumes, línguas, religiões e sistemas educacionais europeus não podem fazer parte da rotina escolar em contexto indígena. Só colocam em risco a identidade cultural, fragmentando cada vez mais as nossas línguas nativas e tradições. Segundo Abreu, Almeida e Pereira (2023, p. 7),

Nesse caminho, a premissa-força “Bem Viver”, nos ajuda na compreensão, enquanto pessoas latino-americanas, que a nossa identidade foi marcada pela negação das raízes ancestrais de nossos antepassados, imprimindo por meio do uso da força e/ou violência desde o processo de colonização a hegemonia de uma identidade forjada nos padrões eurocentrados e da própria destruição do planeta como forma de acúmulo de riquezas de maneira irracional e predatória.

Nessa perspectiva, com sentido transgressor, é que meu povo Terena de Mato Grosso se mobiliza para realizar a festa chamada de “Semana Indígena Intercultural”, um momento de grande mobilização de todas as aldeias do Norte, a aldeia Kopenoty, a aldeia Turipuku, a aldeia Kuxonety e a aldeia Inamaty. Essa festa é feita para valorizar e fortalecer a cultura Terena do Mato Grosso e de outros povos vizinhos que vem participar juntamente conosco.

Para realizar este grande evento, tem um período de um ano de preparação pela comunidade da aldeia que irá sediar a grande festa. A escolha para ser o dono da festa é feita coletivamente com participação de caciques e lideranças após finalizar uma festa. A comunidade toda se mobiliza, inclusive a escola tem participação importante, envolvendo alunos e professores.

Semana Indígena Intercultural Terena Mato Grosso

Trago aqui, uma experiência particular de um momento na aldeia Kopenoty, em cuja aldeia temos realizado várias ações de cunho cultural, principalmente no espaço



da escola, que é um lugar muito importante para revitalização cultural do povo Terena de Mato Grosso.

Hoje, na qualidade de professor, tenho assumido funções importantes no sentido da vivência social da comunidade, sendo que na educação escolar temos avançando de forma meio lenta no sentido de resgatar práticas da nossa cultura ancestral. Mas, mesmo assim, propomos momentos de ações que são fundamentais no sentido de estimular os mais jovens sobre a importância do conhecimento sobre os saberes tradicionais, assim, relato aqui uma experiência realizada com alunos, professores e outros guerreiros que também sempre estão à frente, impulsionando nosso trabalho buscando o fortalecimento da cultura tradicional Terena.

Existem várias ações de professores articulando a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon com as ações da comunidade no período que antecede a festa da Semana Indígena do povo Terena de Mato Grosso, então, descrevo uma destas ações: a produção de vestimenta masculina feita com a palha do buriti. Abaixo, uma imagem de uma saia pronta momentos antes de uma apresentação cultural da dança Terena na Semana Indígena Intercultural 2024, na aldeia Inamaty Poke'e. A Figura 1 demonstra eu e meu filho devidamente vestidos tradicionalmente para a Festa Cultural.

Figura 1 – Homens terena vestidos para a Festa Cultural





Fonte: arquivo particular, 2024

O vestuário masculino, que se caracteriza por uma saia, atualmente é feito da palha do buriti, para cuja produção nós esticamos barbante de algodão para pendurar as palhas. Os materiais necessários para produzir um vestuário masculino são a palha de buriti e o barbante de algodão. Em sua essência, mais tradicionalmente, a saia masculina terena era feita de pena da ema, ave característica do bioma do cerrado, mas, atualmente, com a migração do meu povo para a região de floresta amazônica, mais especificamente Norte de Mato Grosso, houve uma adaptação na vestimenta para que a festa pudesse continuar a ser praticada, mais especificamente, usada na dança denominada por nós de Kohixoty Kipa'e (dança da ema).

Em geral, sobre a organização da festividade anual Terena em Mato Grosso, próximo a um mês do evento, reúnem-se os organizadores da dança da aldeia Kopenoty com objetivo de preparar as peças da dança tradicional Terena, chamada em língua Terena de *Kohixoty kipa'e* (dança da ema). A dança Kohixoty Kipa'e é uma herança sagrada deixada para nós, sendo que tem um total de 12 peças (atos) de danças masculinas e cada uma delas tem seu ritmo diferente. O cacique da aldeia Kuxonety, o especialista na dança, senhor Cirênio Reginaldo, explica a dança para nós e ele sempre afirma e reafirma que os movimentos que os guerreiros realizam na

dança remete ao tempo dos nossos antepassados quando guerreavam com outros povos representam os confrontos corpo a corpo. Em tempos atuais, as apresentações da dança masculina representam resistência do meu povo Terena. Mesmo diante das adversidades do mundo não indígena seguimos praticando nossa dança.

Processo de Organização da dança na aldeia Kopenoty

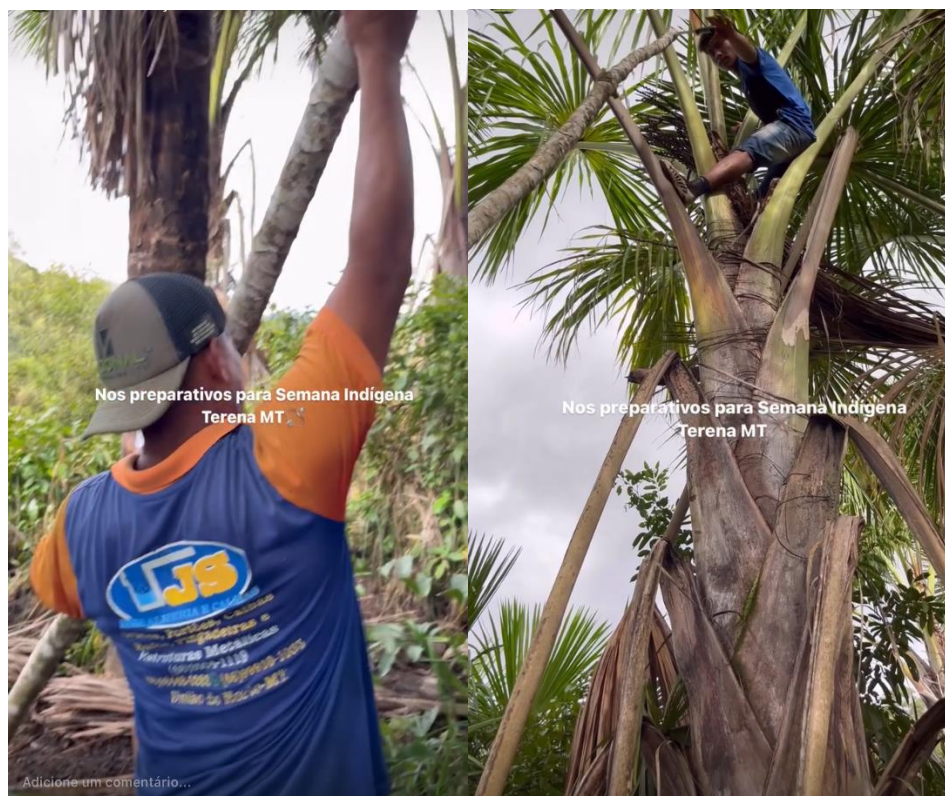
O processo de confecção das vestimentas de dança masculina na aldeia Kopenoty ocorre da seguinte maneira: os organizadores da dança reúnem os guerreiros para discutir toda a preparação e apresentação na sede da festa.

Nesse processo, várias análises são realizadas, como a verificação de quem já possui vestuário e em que condições essas peças se encontram; se estão em boas condições ou se precisam de reparos. Para aqueles que não possuem suas vestimentas, os materiais para a confecção serão providenciados.

Após identificar quantos guerreiros precisam de vestuário, pois, no dia da ida até a mata será coletada a quantidade necessária de materiais para atender a todos. Depois de determinar a quantidade de material, marcamos a data para ir à mata, que fica um pouco distante da aldeia, para fazer a coleta. Além dos guerreiros da aldeia, essa expedição também conta com a participação ativa de alunos do Ensino Médio da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena” funcionando como uma prática cultural que faz parte do currículo escolar. Em geral, são os próprios participantes da dança que vão até a mata. Abaixo apresento imagens publicadas na rede social, demonstrando um dos momentos de colheita do broto do buriti, realizada no mês de abril do ano de 2024.

Figura 2 – Coleta de broto de buriti – Aldeia Kopenoty





Fonte: instagram @eliwelton_dzoun, 2024

Para confeccionar os vestuários, conversamos com os guerreiros da dança, e os principais líderes escolhem o melhor dia para ir ao mato buscar a palha de buriti, que chamamos de broto. Com todo o material em mãos, os trajes de dança são feitos individualmente, sempre com a supervisão dos caciques de dança, que estão por perto para ajudar e garantir que todos tenham seus vestuários prontos. Assim, seguimos com os ensaios e a produção até o dia da festa.

Fabricação da saia na prática

A coleta da folha do buriti, chamada de broto, é coletada na mata fora da aldeia Kopenoty. Os guerreiros organizadores e alunos do Ensino Médio participam dessa expedição, que também tem um caráter educativo. A preparação após a coleta, a folha é cuidadosamente separada e cortada. O corte deve ser preciso, para garantir que as fibras estejam uniformes. Para a confecção das saias, nós usamos a folha ainda verde para facilitar o manuseio e maciez, pois as folhas devem ser desfiadas, por isso a folha deve ser ainda verde para ficar mais confortável.

A confecção da cintura da saia é feita utilizando uma base de corda feita de algodão, onde as folhas são entrelaçadas, amarradas uma a uma, garantindo que fiquem bem firmes. Esse trabalho é feito com cuidado, pois a saia precisa ser resistente e confortável para os dançarinos. A montagem da saia, após a preparação da cintura, é feita com as folhas que são organizadas e amarradas, uma a uma, formando a saia. A quantidade utilizada é proporcional ao tamanho de cada dançarino.

Em relação com o contexto escolar, a partir deste processo é feita produção de textos narrativos. Durante a expedição à mata, os alunos são estimulados a registrar suas observações e experiências. Em período posterior são transformados em textos narrativos, com descrição do processo, sensações e a importância cultural da atividade.

Nesse período de lidar com o processo da vestimenta masculina, os alunos aprendem sobre a importância dessa planta em nossa cultura local e do ecossistema. A atividade inclui estudos de conscientização da importância para a nossa comunidade, e como o manejo sustentável da planta é vital para a preservação da cultura e do meio ambiente, aprendizado que fortalece o fortalecimento com as nossas tradições e identidade cultural do povo Terena de Mato Grosso.

Na Figura 3 podemos observar os dançarinos, usando suas vestimentas tradicionais em plena ação da dança no dia da festa.

Figura 3 – Dança masculina Terena MT





Fonte: Luiz Ohira (2013), aldeia Kopenoty

Enfim, a dança na Festa da Semana Cultural do Povo Terena de Mato Grosso é um evento muito importante para nosso povo, pois é o momento que reafirmamos nossa identidade, sentimos orgulho em ser Terena.

Considerações finais

A fabricação da vestimenta de dança masculina Terena de Mato Grosso é uma prática realizada pelos guerreiros que antecede a grande festa denominada por nós de Semana Indígena Intercultural do povo Terena de Mato Grosso. A festa é um momento especial, onde fortalecemos nossa cultura, identidade, pintura corporal, língua, costumes entre outros. Envolvendo todas as comunidades Terena do Norte e segmentos institucionais como escola, saúde, associação, cooperativa, homens, mulheres, jovens e crianças.

Um ato de continuar produzindo e fortalecendo nossos conhecimentos é a fabricação das saias de dança masculinas Terena-MT, nessa oportunidade conectamos os alunos de nossa escola com as raízes de nosso povo. Ao aprender esses ensinamentos, os alunos são ensinados a valorizar nossos trajes de dança masculina e para ser transmitidos posteriormente e assim seguir firme e forte.

As saias de dança masculinas terena sofreu uma mudança devido à migração de nosso povo do Estado de Mato Grosso do Sul para o Estado de Mato Grosso. Antes; lá elas eram feitas de penas de ema, uma ave do bioma Cerrado, mas agora



são feitas da folha de buriti uma adaptação para o bioma Amazônico. Mesmo assim, continuamos a produzir essa peça cultural significativa, que é usada nas danças masculinas.

Os alunos têm a oportunidade de aprender como os aspectos de nossa cultura pois trabalhamos em sala de aula todos os aspectos desta importante festa. Isso os ajuda a entender melhor as coisas e despertar seus interesses em aprender mais. Por último, mas não menos importante, essa atividade mostra como a escola pode se transformar em um local para reafirmar e valorizar nossa cultura.

Essa conexão entre a educação escolar e a educação indígena é fundamental para nós enquanto educador indígena, buscando formar nosso povo consciente, orgulhoso de suas raízes e capaz de enfrentar os desafios do mundo moderno sem perder a sua identidade étnica.

Referências

ABREU, Waldir Ferreira de; ALMEIDA, Débora Renata Muniz; PEREIRA, Alexandre Adalberto Premissas—força se pensar a pesquisa decolonial em educação. **Interritórios**. Revista de Educação. V. 9 N. 18, 2023. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interritorios/article/view/259001>

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2016. Disponível em https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Parecer CNE/CEB nº 13/2012**. Brasília, MEC, 2012. Disponível em https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_PAR_CNECEBN132012.pdf?query=CURRICULARES

COLOMBO, Luciana Beatriz de Araújo. **Os indígenas contra o etnocentrismo: a construção do preconceito no Brasil em face dos povos originários e seus reflexos**



coloniais na atualidade. Trabalho de Conclusão de Curso. Curitiba: UFPR, 2020. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/71232>

REGINALDO, Sara. **Aspectos da cultura material e imaterial do Povo Terena da Aldeia Kopenoty – MT**. Trabalho de Conclusão de Curso. Barra do Bugres: UNEMAT, 2016. Disponível em <http://portal.unemat.br/media/files/SARA.pdf>

SEI/MS - 0034427408 – Relatório. **Relatório situacional do distrito sanitário especial de saúde indígena**. Ministério da Saúde Secretaria de Saúde Indígena Distrito Sanitário Especial Indígena - Kaiapó do Mato Grosso Divisão de Atenção à Saúde Indígena.

Recebido: 15/10/2024

Aprovado: 03/12/2024

Publicado: 20/12/2024

